

Poucas semanas antes do 20º Angrajazz, fomos surpreendidos pela ‘oferta’ de um delicioso texto sobre as dezanove edições anteriores do nosso festival! Com a indicação de que era um texto para ser partilhado exclusivamente com os directores (actuais e precedentes) do Angrajazz, logo após a sua primeira leitura tivemos consciência da importância do mesmo e da absoluta necessidade de o tornar acessível a todos aqueles que gostam de jazz, muito especialmente ao “público Angrajazz”.

É um texto que muito nos honra, por ser o testemunho de um dos grandes pensadores e divulgadores portugueses do jazz, presente em todas as edições do festival – nos primeiros três anos como jornalista profissional e nos anos seguintes como melómano. Uma presença a que nos habituámos e que já não dispensamos, cuja amizade, espírito crítico e desinteressada disponibilidade em muito têm contribuído para o que é hoje o Angrajazz.

António Curvelo . Crítico de jazz no Semanário “Expresso” (1982/1989) e no diário “Público” (1990/2002); comentador e autor de programas de rádio (1971/2004) nas Rádio Comercial, Rádio Central e TSF; conselheiro para a área do jazz & blues do programa Magazine da RTP2 (2004/2006), participou ainda num sem número de outras actividades ligadas ao jazz, de que se destacam:

- a. redactor, na área do jazz, da “Enciclopédia da Música Portuguesa no Século XX”, edição do Instituto de Musicologia da Universidade Nova;
- b. responsável pela programação do ciclo de concertos “Jazz no Parque de Serralves” (2002/2013);
- c. co-autor (com Manuel Jorge Veloso) do Ciclo “Histórias de Jazz em Portugal” (Jan. 2014/Maio 2015).

Obrigado António Curvelo. Aqui vai, com o teu assentimento.

Rui Borba, Miguel Cunha, Luís Elmiro Mendes, José Ribeiro Pinto
Direcção da Associação Cultural Angrajazz



Vinte anos já não nos chegam

Queridos Amigos

Vinte anos. 20 anos não são uma vida mas para um festival são uma eternidade.

Lembro-me bem de 1999, quando Paulo Gil me alertou para um festival de jazz com cesariana (em Portugal o jazz nunca nasce de parto natural) marcada para os Açores, Terceira – o 1º Angrajazz. Partilho hoje uma história privada com berço PÚBLICO.

Paulo Gil outra vez: um grupo de carolas, amadores, resolveu fazer um festival. Malta porreira que quer convidar os “críticos” para o baptizado. O convite chegou depois: pela voz (ou mail?) de Miguel Cunha desafiavam-me a ir a Angra, estadia paga lá e avião pago cá. Falei com a direcção do jornal: não temos dinheiro para a viagem. O PÚBLICO estava, então, em Timor, nos dias de brasa dos massacres fascistas indonésios no cemitério de Santa Cruz, em Dili, relatando hora a hora o que parecia indizível. E o dinheiro mal chegava.



- O Festival é muito importante?, perguntaram-me.
- Não. Musicalmente, comparado com o que se faz no continente, não tem importância. Importante importante é o heroísmo de ser em Angra.
- Podemos propor-lhes dividir os custos do bilhete?
- Nem pensar. Não o faço por mim nem pelo jornal.

Telefonei ao Miguel (que não conhecia): lamento mas o jornal não pode pagar os TAPs. Por favor mandem-me informação, o dossier de imprensa, para fazer a preview (como era hábito na casa).

Resposta imediata: que não, que tinham muito gosto em ter lá o crítico do PÚBLICO, que iam ver o que podiam fazer, que já havia um caso em que o Festival custeava a viagem de outro crítico, que talvez fosse possível...

E foi. Desembarquei nas Lages, sem custos para o (meu) patronato e comecei a trabalhar.

Angra é, para mim, memória antiga: por aí andei entre os 5 e os 6 anos de idade, atrás dos meus pais, ele em serviço profissional, ela ao lado dele e eu, claro, criança ainda sem escola, é melhor que vá para os Açores do que ficar em Portalegre com os irmãos. E fui. Voltei muitos anos mais tarde, turista, longe muito longe do Festival (quem iria pensar?), mais ainda de amigos que ainda não havia.

O primeiro texto sobre o Angrajazz nasceu em Lisboa, claro, título programático – *Jazz em Estreia nos Açores*.

Esta seria a primeira das três edições que acompanhei profissionalmente. Em 2002 finou-se a minha colaboração com o PÚBLICO e com esse termo veio, também, a decisão pessoal de encerrar as escritas jazzísticas, objectivo cumprido quase integralmente (as excepções – raras e nem sempre simpáticas e muito menos cómodas – apenas confirmariam a regra). Despedi-me, então, com a promessa interior de continuar fiel ao festival, agora na bem mais agradável pele de mero espectador, pronto a gozar (ou desgozar) a(s) música(s), sem compromissos de bloco e caneta (naquele tempo as críticas nasciam de madrugada, no hotel, logo a seguir aos concertos, viajavam de fax para Lisboa e regressavam à ilha, impressas, dois dias depois).

Lembro-me da chegada na primeira noite ao palco do festival: o Claustro do Museu de Angra. Suspeito hoje que ali houve, afinal, negócio sacro-profano: nós damos-vos jazz e vocês abrem-nos o claustro com uma palavrinha a Pedro, santo das nuvens, chuvas, ventos e sol. Saberá mais tarde, de saber testemunhal, que o claustro também era abrigo de sólidas instabilidades líquidas, mais e mais a cada ano, que atropelavam a música como se o jazz ainda fosse coutada dos gangsters da lei seca, tempo em que, é da história, se bebia como nunca.

Eu fui à terra dos bravos, contava eu na primeira crónica das músicas (2 Outubro 1999), para adiantar logo o diagnóstico

“bastou a noite de estreia para que o primeiro festival de jazz de Angra do Heroísmo, nos Açores, ganhasse a aposta”

seguido da boa nova:

“em 2000, a segunda edição do Angrajazz já tem datas provisórias marcadas no calendário: 5, 6 e 7 de Outubro. Parece, assim, finalmente rompido o ciclo de jazz avulso, feito de concertos perdidos e acidentais numa ilha onde há gente que identifica os anos não pelo número do seu nome, mas pelo ‘ano de Betty Carter’ ou o ‘ano de Terence Blanchard’.”

Gente que tinha nome: José Ribeiro Pinto, Bruno Ferreira, João Pedro Mont’Alverne, Miguel Cunha.

“Mais um bom exemplo da militância anônima que tem permitido que, ao longo dos anos e por todo o país, o jazz tenha abandonado a sua diária resistência clandestina pela afirmação dos seus direitos de cidadania à luz do dia”.

O primeiro cartaz começou bem, com o quinteto de Carlos Martins e o seu disco “Sempre”, porta aberta para uma, então ainda rara, exploração do cancionário popular, Zeca Afonso (“Maio maduro Maio”), Fausto (“Rosalinda”), José Mário Branco (“Mariazinha”), Sérgio Godinho (“Caramba”), Paulo de Carvalho (“E depois do adeus”).

Boa memória colectiva, com Sassetti a lançar âncora no futuro:

“a excelência do piano de um Bernardo Sassetti que continua a surpreender, como só os grandes improvisadores sabem e podem fazer (guardarei muito tempo comigo o lirismo com que vestiu/despiu “Mariazinha” e a claridade do tempo e do modo como cantou, sobre um “groove” dançante, as cores festivas de “Rosalinda”)”.

Com o duo Toots Thielemans/Kenny Werner

“a noite acabou em clima de grande excitação (...) numa reacção que me pareceu mais filha das esperanças depositadas no encontro e no carinho que rodeia a figura de Toots do que do que realmente aconteceu em palco. Adianto que foi um diálogo musical simpático e inteligente, mas desequilibrado”.

À contínua excelência do pianismo de Werner respondeu a bondade de um Toots que, momento maior, sublimou Brel. O pedido sussurrou pelo claustro – *ne nous quittent pas*.



A celebração bluesy de John Scofield, Steve Swallow & Bill Stewart, a primeira das muitas páginas do (meu) livro de melhores memórias de concertos made in Angrajazz (1999 . foto Jorge Monjardino)

A 4 de Outubro, o jazz extremou-se, “numa noite em que o contraste das notas não podia ser mais expressivo”. Do casino “monótono e desmobilizador” do trio de Claude Bolling à celebração bluesy de John Scofield, Steve Swallow & Bill Stewart, os aplausos dividiram-se. Ganhou a maioria ruidosa que votou no pianista e, há que dizê-lo, na sua cantora de Madagascar, Maud Rakotondravohitra

– “um apelido que daria um bom verso ‘scat’ de Betty Carter” –

que terá acendido nalgumas memórias mais cinematográficas um desejo de Éric Rohmer, “Ma nuit chez Maud”...

O trio americano – *“riquíssimo pelas suas tensões e cumplicidades internas e que obrigou a um salto no tempo”* – tocou a primeira das muitas páginas do (meu) livro de melhores memórias de concertos made in Angrajazz.

Duas horas mais tarde (a raiar as 3 da madrugada!), muitos terão descoberto a grandeza de uma nova amizade musical chamada Bill Stewart. Scofield confirmou-se, o que já foi (é) muito. E eu voltei ao continente com mais um troféu dos muitos que Swallow,

“o mago acústico do baixo eléctrico, o poeta do verso branco, o homem que trabalha o tempo como pedreiro de catedral”,

me deu a ouvir ao longo de tantos & tantos anos:

“há, em tudo o que Swallow toca, uma luz que amplia a liberdade da música”.

Ou, verdade antiga,

“quem gostou de Swallow, de Swallow não se desgosta”.

Às vezes sabe bem ser repetente. Se na estreia houve *“bom tempo no canal”*, um ano depois foi fácil e gostoso voltar aos “heróis de Angra”.

Assim lhes chamei (5 Outubro 2000), sublinhando o encontro do Festival com memórias primeiras

“a segunda edição do Angrajazz sai à rua esta noite, com a Dixie Gang, uma das raras bandas portuguesas com raízes em Nova Orleães, a dar festa na Praça Velha de Angra do Heroísmo. Sexta e sábado a acção passa para o Museu da cidade que será tudo menos de cera. No jazz – sabe-se desde King Oliver e seus antepassados – nem os enterros levam velas. Só música viva.”

e adivinhando confiança reforçada nos pais do Angrajazz:

“ ‘esta é a vez primeira que neste auditório canto’ – assim poderiam dizer, roubando versos a uma das modas musicais açorianas mais populares, a ‘charamba’, os quatro mosqueteiros que, faz agora um ano, conseguiram pôr finalmente de pé o sonho antigo de inscrever Angra do Heroísmo na rota dos festivais de jazz. E como a ‘cantiga’ saiu bem, eles aí estão de novo, agora com a confiança de quem já tem mais gente do seu lado, reincidindo com novo improviso cuidadosamente organizado (ou não fosse o jazz que está em causa).”

Devidamente registada ficou, também, a primeira iniciativa visando levar à prática uma das preocupações do quarteto organizador: criar oportunidades, modestas que fossem, de deixar semente na terra. Aproveitando a presença dos dixie gangers e de Carlos Martins abriu-se a porta a um workshop (dos primeiros laboratórios históricos em que o jazz experimentou e ajudou a crescer a sua própria epopeia) com os músicos do Grupo de Metais da Ilha Terceira. Um caminho que, com o rolar dos anos, levaria o Angrajazz a outros horizontes, então ainda por adivinhar – *over the rainbow*, diz-se na tribo dos standards...

Vício que nunca venci, antecipava eu (o mal das previews...) que o cartaz da 2ª edição prometia. Dena DeRose trazia gente formosa e bem segura, com Ingrid Jensen a ameaçar levar o cântaro à fonte sem quebranto. Das três escolas instrumentais nacionais fundadas em França (violino, contrabaixo e acordeão), o trio de Richard Galliano desembarcaria no arquipélago com a memória da forte tradição musette tatuada em novas linguagens.

O “jazz latino” do pianista Hilton Ruiz era dinheiro em caixa. Por boas excelentes razões:

“quem gosta de cores sabe que não há cores melhores do que as que se deitam na cama com outras”.
E ameaçava:

“se puder, vou pedir-lhe que ressuscite a memória antiga, sensualona, de “Soca Serenade”. Para rebolar pela noite dentro, até 2001, quando o 3º Angra Jazz nos vier bater à porta”.

Não pude. E soube depois que naquela noite, marcada por *“uma energia rítmica que nem sempre espantou uma certa monotonia”*, as cores não chegaram a deitar-se... ou melhor: deitar, deitaram-se – mas estavam demasiado cansadas para desmanchar lençóis e suar travesseiros...

Mas era para um alto que eu apontava mais alto: Frank Morgan e o seu “quarteto de luxo”, comandado por *“um piano sublime chamado John Hicks”*.



A ressurreição de Frank Morgan, a primeira assinatura angrense do meu olimpo pessoal (2000 . foto Jorge Monjardino)

Na hora do balanço, contei certezas (DeRose & Ingrid) e emoções (o palco da sincera confraternização do DixieGang e Carlos Martins com as vozes instrumentais locais). Mas foi o milagre do

“quinteto de um Frank Morgan absolutamente incendiário (desmentindo assim todas as linhas que lhe dedicara na véspera, sublinhando o seu crescente lirismo e serenidade dos tempos)”

que mandou na escrita: *“A ressurreição de Frank Morgan”*.

Uma noite épica (que começou mesmo antes do palco, soube-o mais tarde) de um Frank Morgan chegado a Angra em cima da hora – em voo privado de São Miguel para as Lajes, por obra e desgraça de uma greve em

Paris, de onde partira –, directamente da pista para o claustro, uma T-shirt do festival vestida ainda no carro, o saxofone na mão e todo o jazz do (seu) mundo num sorriso que iluminaria a noite para sempre.

Do céu dos standards aos abismos, misteriosos e mágicos, de Monk,

“o sax alto de Morgan ‘ressuscitou’ com um fogo interior de rara intensidade, alma e corpo parkerianos, vertiginoso e claro no verso, sem hesitações de tempos ou ideias. À imagem dos nomes históricos do bebop, Morgan subiu em Angra à altura onde só cabem os eleitos.”

Mas não subiu solitário, levou com ele o piano de John Hicks e a bateria de Yoron Israel, *“o duo que cimentou a excelência da noite”*:

“dos extraordinários ‘compings’ à torrencial fluidez musical, que chegou a lembrar o ‘intocável’ Bud Powell, o superlativo piano de Hicks foi uma lição viva da natureza mais íntima do jazz, lá onde se constrói a síntese única da arte de saber ouvir com a capacidade de rasgar novos horizontes.

A empatia de Hicks com a bateria de um Yoron Israel – também ele sublime na conjugação simultânea da atenção ao caminho do solista com o apontar de outras pistas musicais – ficará como um dos momentos eternos da vida, por mais longa que ela venha a ser, do Angrajazz.”

Por uma vez, a memória não me trairá: 18 anos depois voltaria a começar como comecei:

“Património cultural da humanidade, Angra do Heroísmo terá dado, na noite de 6 de Outubro, o seu próprio contributo para o “património jazzy da humanidade” ao servir de palco à ressurreição do saxofonista Frank Morgan.”

2001 foi, pois, a minha despedida PÚBLICA, titulada “A ilha que aportou ao continente do jazz”:

“A 3ª edição do festival de Angra do Heroísmo prova que os custos da insularidade são um obstáculo, mas não uma fatalidade.” (4 Outubro 2001)

Foi uma edição complicada: por motivo de doença, Tommy Flanagan – o cabeça de cartaz fortemente ansiado pelos jazz lovers nacionais, apenas uma vez visitados pelo seu histórico piano – cancelou o concerto por motivo de doença (morreria em Novembro). Problema maior, rapidamente resolvido com capital seguro. Ficou escrito:

“Apesar da dimensão do revés e do pouco tempo disponível, o festival conseguiu minimizar os danos assegurando a actuação de Cedar Walton. Uma “situação de crise” ultrapassada inteligentemente, com um nome que jamais poderá ser encarado como um “mal menor”.

Já então – e só lá iam três curtos anos – o Festival disse-nos que não brincava em serviço, lembrando que o verdadeiro amadorismo pode ser profissional:

“são provas de fogo como esta que ajudam a temperar a força de vontade de um festival ambicioso. E o Angrajazz já mostrou sê-lo. Nascido em 1999, foi olhado pelos Velhos do Restelo como um sonho nado-morto, ambição tão simpática quanto quixotesca. Enganaram-se, como de costume: o festival rapidamente deixou de gatinhar para começar a andar, sem perder o bom senso e resistindo à tentação, bem portuguesa, de, dado o primeiro passo, logo se julgar capaz de correr à desfilada. Nos seus três anos de vida, o Angrajazz tem vindo a consolidar-se, melhorando cartazes e acentuando a sua qualidade de serviço público. Por vezes esquece-se que não basta descentralizar, é preciso fazê-lo com qualidade e alicerces para o futuro.”

E para memória futura contava-se uma história, que convinha saber e não esquecer:

“Por trás do festival estão duas entidades: a Câmara Municipal de Angra do Heroísmo e a Associação Cultural Angrajazz.

Mas antes das identidades institucionais há uma história, vivida a quatro, de profissionais de outras áreas unidos na sua qualidade de amadores apaixonados do jazz. Quatro amantes da música que se revoltaram contra a sua condição forçada de consumidores de discos, por falta do “sal da terra” do jazz que é o ter os músicos tocando ali mesmo à frente dos olhos.

Às suas vidas profissionais, Bruno Ferreira, João Pedro Mont'Alverne, José Ribeiro Pinto e Miguel Cunha juntaram as muitas horas da construção do Angrajazz. E hoje que a obra está de pé, o trabalho não diminuiu mas o cansaço é palavra proibida. E o número de seguidores parece continuar a crescer. Nascido no meio de muita desconfiança e incredulidade, o festival tornou-se já uma obrigatoriedade do calendário cultural de Angra.”

(E não só, pode e deve-se hoje acrescentar, alargando-lhe a geografia e o calendário.)

Cartaz generoso. Sete concertos, oceanicamente divididos: *“quatro formações norte-americanas e três europeias, duas delas portuguesas.”*

E um gesto nobre (que o futuro próximo diria não ser accidental):

“o festival abre com uma pequena saudação ao trabalho e dedicação dos músicos locais, simbolizados na Orquestra Ligeira dos Biscoitos, cuja curta participação servirá de prefácio à primeira noite.”

Uma primeira noite com estreia insular de luxo – Filactera, quinteto de Mário Delgado construído sobre memórias pessoais das pranchas de BD (Blake & Mortimer, Lucky Luke, Astérix, Tintin, Fritz the Cat, Hugo Pratt, Bilal e Milo Manara), logo seguido do trio de Cedar Walton (*“um verdadeiro seguro de vida, quer na rectguarda quer na primeira linha dos solistas”*), a merecer aposta aparentemente sem grande risco:

“quem gosta de visitar a modernidade sem perder o pé ao swing tem em Cedar Walton um bom porto de abrigo.”

A Europa regressava ao palco, na noite seguinte, pela mão do quinteto do trompetista Paolo Fresu,

“um dos símbolos dos mundos musicais mediterrânicos, cruzando o lirismo de Chet Baker e as memórias milesianas com uma serenidade que oscila entre a luz e a melancolia.”

E daí para a frente mandavam os States: três grupos, diversificados nos modos mas juntos por um denominador comum de insuspeita qualidade: a cantora Roseanna Vitro (com Gary Bartz), o saxofonista Sonny Fortune, a presença potencialmente mais “moderna” (ou free) dos Angrajazzes já realizados, e o sexteto de Steve Turré, *“trombonista em cujo mar musical também tocam as conchas”*.

Mas como o jazz é colectivamente individual, atrás dos líderes havia nomes a ameaçar (justamente) a ribalta: os pianistas George Cables (com Sonny Fortune) e Stephen Scott (com Turré).

Se o cartaz prometia, faltava a prova real – o palco, esse espelho instável onde a música muitas & muitas vezes se transfigura, para o bem ou para o mal...

Despedi-me jornalisticamente do festival com um pódio de vencedores:

“Delgado, Bartz e Turré – um triângulo vencedor no Angrajazz” (9 Outubro 2001)

e notícias boas e más para quem (como eu) acreditara no escrito anterior.

Cedar Walton soou curto, demasiado curto, “*na aritmética dos tempos e modos, sublinhando a velocidade e força rítmicas em prejuízo do lirismo e clareza das formas.*”



Gary Bartz foi o maior nome individual do festival (2001 . foto João Pedro Ávila)

Paolo Fresu “*abriu em surpresa, virando as costas ao seu lado mediterrânico, lá onde o Sul aspira a ser caminho musical em busca da universalização*”, para reabrir “*a memória de um jazz que o ajudou a crescer*” (bopper) “*mas que deixou de frequentar com assiduidade*”. Inesperada a distância entre a qualidade do líder e a banalidade do seu quinteto.

Entre o sax alto e a flauta, Sonny Fortune foi musicalmente agressivo no altar de Coltrane mas no avesso da espiritualidade do seu mestre. E atropelou repetidamente o seu pianista, um George Cables “*demasiado encostado a McCoy Tyner*”, pesadamente percussivo e com ataques demolidores que ecoaram, de outro modo, a paisagem sonora que antes se ouvira em Cedar Walton. Um concerto em que se perdeu “*o imenso expressionismo lírico*” de Cables, “*subjugado pela força de um pianismo agressivo no ‘touching’ e tempestuoso nos ‘clusters’.*”

A Roseanna aplaudi as boas “*cicatrices do blues e do rhythm & blues*”, desgostei-me das suas tentações brasileiras, sublinhei o gosto da boa vizinhança com “*uma cantora assim, expansiva e autêntica*”, em que “*todo o gesto musical é natural, só o nome é ‘in vitro’*”, e agradei a “*nova amizade criada com o piano de Allen Farnham*”.

Mas a dívida maior do festival para com Roseanna chamou-se Gary Bartz. Um Gary Bartz que foi o maior rival em palco da sua “patroa”:

“nenhuma voz cantou em Angra como o alto de Bartz em “Star eyes”. Um mestre do jazz – na individualidade sonora, na construção do solo, no domínio do tempo e do espaço – Gary Bartz foi o maior nome individual do festival.”

Com o saxofonista triunfaram, também, o quinteto Filactera e a banda de Steve Turré.

Colectivo de pesos pesados (Carlos Barretto, Alexandre Frazão, Claus Nymark e o polaco Andrzej Olejnikzak, além do próprio Mário Delgado), Filactera exibiu

“uma inteligente e gostosa transferência dos delírios cromáticos e das estórias “naïves”, que alimentam as aventuras dos “seus” heróis da BD, para o mundo das emoções musicais.”

Um concerto com recado final:

“fosse Delgado francês e Filactera já era disco e capa de revista”.

Steve Turré

– que *“teve a melhor equipa de solistas, com um excepcional Stephen Scott ao piano (oportuno e brilhante nos ‘compings’, criativo e original a solo) e a inteligência melódica da bateria de Victor Lewis à altura do seu próprio líder”* –

ganhou em dois tabuleiros:

“como arranjador e catalisador de um sexteto habitado por notáveis alianças tímbricas (trombone/violoncelo, violino/trombone) e duplo solista, no trombone e nas suas celebradas conchas, que foram palco de um impressionante ‘All blues’. Com Steve Turré, a música dos búzios e conchas é coisa do mar alto nunca espuma de praia. O jazz agradece-lhe a dádiva de um novo instrumento.”



Steve Turré ganhou em dois tabuleiros: como arranjador e catalisador de um sexteto habitado por notáveis alianças tímbricas e duplo solista, no trombone e nas suas celebradas conchas. Com Steve Turré, a música dos búzios e conchas é coisa do mar alto nunca espuma de praia. (2001 . foto Luís Mendes)

A conclusão parecia evidente. Se nas edições anteriores do festival fora possível escrever que para o jazz havia bom tempo no canal, 2001 certificara que as depressões musicais não têm futuro nos Açores.

Depressão foi coisa que os Açores nunca me ofertaram. Desde 2002 que Outubro tem destino marcado: malas feitas, Angra com elas.

No total são 17 anos de regressos a casa, aos amigos, às boas mesas, às conversas (tantas delas autênticos workshops informais) com os músicos, nacionais e de outras terras, sem esquecer o *non stop* dos quatro standards meteorológicos num só dia, a ordem dos factores sempre arbitrária – inverno/verão/outono/primavera.

E, claro, a soma final da aritmética dos gostos & desgostos, uns e outros contabilizando apostas garantidas (exemplo: Carla Bley), certezas falhadas (Enrico Pieranunzi), riscos dispensáveis (Larry Coryell), erros de casting previsíveis (Jane Monheit), revelações luminosas (Cécile McLorin Salvant).

Entre 2002 e 17 (2018 está à porta mas ainda não entrei) foram 16 anos de música sem escrita (o que não é mau) mas com riscos acrescidos de ditadura da (má) memória. Más memórias também as houve – mas são outras histórias a que já irei, a algumas, se ainda houver tempo... – coisas de somenos para quem anda há muitos anos & festivais nas plateias do jazz, a ouvir esses espaços de pouca confiança que são os palcos, sempre prontos a desmentir certezas, ofertar surpresas, confirmar intuições e desejos.

Thanks for the memories: olho para trás e Angra lá está, mais do que repetente, no cofre dos “concertos da minha vida” (ou de outros que andam lá perto).

Daqui para a frente não tenho testemunho(s) publicado(s). Só traços de muitas variadas e desvairadas memórias, mais vulneráveis à implacável traição dos anos. Folheio-as, com cábula cronológica na mão, e vou anotando.



Martial Solal e os irmãos Moutin abriam o livro da arte do trio: autêntica anunciação jazzy da mais democrática santíssima trindade: liberté, égalité, fraternité (2003 . foto João Pedro Ávila)

Depois da constelação Scofield/Swallow/Stewart, logo na estreia, e do quinteto de Frank Morgan (a primeira assinatura angrense do meu olimpo pessoal) no ano seguinte, em 2003 Martial Solal e os irmãos Moutin abriam o livro da arte do trio, na mais celebrada das suas identidades instrumentais – piano, contrabaixo, bateria. Autêntica anunciação jazzy da mais democrática santíssima trindade: liberté, égalité, fraternité.

Mais um ano, novo pódio: The Herbie Nichols Project, colectivo perfeito ao serviço de um dos mais underrated mestres do jazz: o pianista Herbie Nichols. Uma dívida que nunca conseguiremos pagar a Ron Horton, Frank Kimbrough, Ben Allison, Michael Blake e Michael Sarin. O jazz escrito tocado como se nunca deixasse de ser improvisado.



Herbie Nichols Project – o jazz escrito tocado como se nunca deixasse de ser improvisado (2004 . foto Jorge Monjardino)

2005 trouxe uma mão cheia de grandezas.

Sendo o Angrajazz uma porta escancarada para as vozes, Sheila Jordan & o trio de Steve Kuhn assinaram uma das noites melhor cantadas de todas as edições do festival. A fragilidade aparente de uma strong singer.

Com o seu quinteto, Dave Holland repetiu o que já nos habituáramos a ver, ouvir e escrever: poucos grandes nomes do jazz actuaram tantas vezes em Portugal e nenhum conseguiu igualar a sua fasquia, sempre no alto das alturas.

E a 7ª edição não terminaria sem um concerto que, suspeito, me deixa mais isolado na standing ovation: o trio washingtoniano (Peter & Kenny) do pianista Bill Charlap. A inteligência elegante, nos antípodas do exibicionismo em bicos dos pés.



Sheila Jordan & o trio de Steve Kuhn assinaram uma das noites melhor cantadas de todas as edições do festival (2005 . foto Jorge Monjardino)

Podem 10 vozes fazer uma big band? Joe Lovano sabe que sim e o seu Decateto veio explicá-lo em palco. Fosse o Centro Cultural uma igreja e o milagre da multiplicação dos sons já teria altar. Em Angra 2006 vi muito ateu comungar. Sem remorso ou sombra de pecado.



Joe Lovano Decateto – fosse o Centro Cultural uma igreja e o milagre da multiplicação dos sons já teria altar. Em Angra 2006 vi muito ateu comungar. Sem remorso ou sombra de pecado (2006 . foto Jorge Monjardino)

Acaso ou intenção, 2008 repetiu (diferente, como são todas as repetições no jazz, para pior ou melhor) o milagre de 06. “*Disorder at the Border*” foi bandeira de Coleman Hawkins retomada por Bennie Wallace, com uma estória para contar.

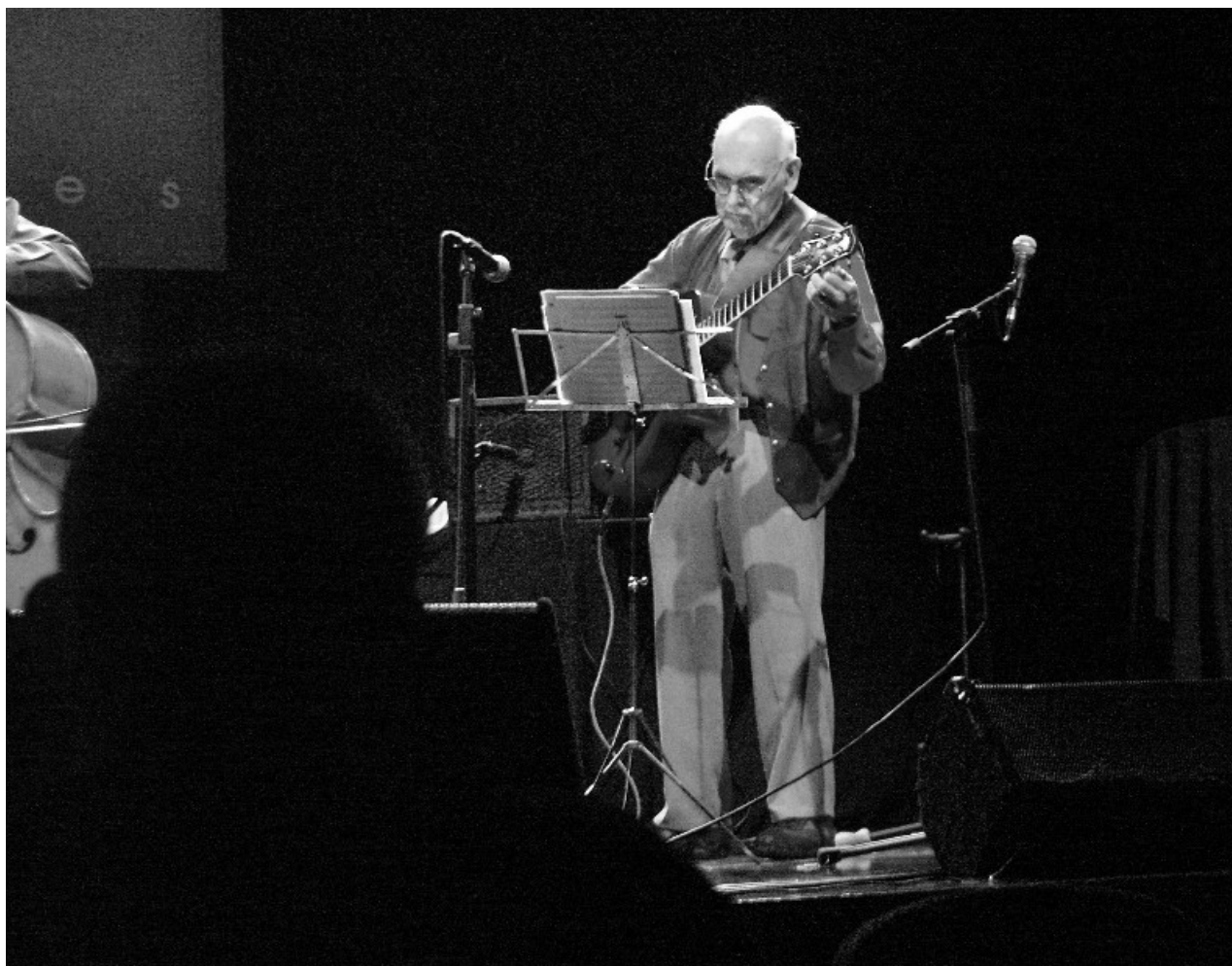
Em 1944, quando o mestre-tenor gravou pela primeira vez o seu original – numa sessão que entrou na história como uma das primeiras anúncias da passagem (a salto) do swing para o bebop – tinha a seu lado dois aventureiros do futuro: Dizzy Gillespie (que também assinou o arranjo) e Max Roach, dois desordeiros de luxo. Conhecendo-os, não surpreende que tenham partido a loiça, dinamitando fronteiras do jazz da época. 64 anos depois, o noneto de Bennie Wallace retomou Hawkins e pintou a manta. Raras vezes os alicerces do Angrajazz vibraram tão forte.



Bennie Wallace “*Disorder at the Border*” – raras vezes os alicerces do Angrajazz vibraram tão forte (2008 . foto Jorge Monjardino)

Entre os ensembles de Lovano e Wallace, ainda houve tempo para 2007 deixar marca no calendário.

O Príncipe Jim Hall raras vezes veio a Portugal (e todas não seriam de mais). Ter passado em Angra é uma das glórias do festival. Com um trio sem mácula (Scott Coley e Geoff Keezer), old & good Jim lembrou como se escreve(u) a História.



O Príncipe Jim Hall raras vezes veio a Portugal (e todas não seriam de mais). Ter passado em Angra é uma das glórias do festival (2007 . foto Luis Mendes)

2009 foi calendário abençoado: dois concertos máximos em duas noites seguidas é rara benfeitoria. O Sexteto Strada (que acabou quinteto por ausência do trombonista) foi a primeira palma de ouro de Henri Texier no Angrajazz. Reincidiria em 2010 com a ressurreição bem aventurada do Transatlantik.



Tansatlantik – Henri Texier, Joe Lovano, Steve Swallow, Aldo Romano – um reencontro, 20 anos depois, que hipnotizou toda uma plateia sentada à volta de uma rara e festiva amizade musical (2010 . fotos Margarida Quinteiro e Jorge Monjardino)

Se Strada é caminho de memórias europeias de um gaulês irreduzível que ouve nas suas raízes bretãs o corpo americano do jazz (e vice versa), Tansatlantik é um all-stars – Texier, Lovano, Swallow, Romano – que não mente (nas estórias do jazz e dos festivais em particular poucos nomes terão traficado tanto como “all-stars”). Um reencontro, 20 anos depois, que hipnotizou toda uma plateia sentada à volta de uma rara e festiva amizade musical. Coisas que acontecem noutros mundos mas que no jazz (acreditamos nós) acontecem *diferente* (já sei o bastante para não cometer o erro de escrever *melhor*).

24 horas depois, deus (um deles, se preferirem) passeou em Angra, trazendo consigo três discípulos e o mesmo evangelho que vem espalhando na terra há 50 anos. Lloyd, Charles Lloyd e o seu New Quartet fizeram, à frente dos meus olhos e a meia dúzia de metros de distância, o que, antes e noutras geografias, já o vira fazer uma, duas, quatro, muitas vezes. Há quem seja capaz de fazer de um hino uma canção, Lloyd faz de cada canção um hino (afinal, lembro-me agora, a permanente excelência de Dave Holland tem rival em palcos portugueses...)



Charles Lloyd New Quartet – há quem seja capaz de fazer de um hino uma canção, Lloyd faz de cada canção um hino (2009 . foto Victor Medina)

Disse-o (porque na altura já não o escrevia) que o quarteto de Charles Lloyd é um eco (mas não uma cópia) da espiritualidade, única, do quarteto de Coltrane. Se alguma vez o pudesse esquecer (uma possibilidade impossível...), Angrajazz 2009 aí estaria para mo lembrar.

A 13ª edição (2011) pôs termo a um pequeno “contencioso” pessoal com Kurt Elling: cada novo disco aumentava-me o desconforto de um jazz singer que gravava sempre (em minha opinião) aquém daquilo que nos “devia”. Incómodo aumentado depois de ter falhado concerto lisboeta (aplaudido sem reservas por críticos que valia a pena ler) “repetido” dias depois em Guimarães e que, mais uma vez, me deixou o ouvido curto. Foi preciso voar a Angra para me declarar final e gostosamente reconfortado. Kurt Elling em cena “deu-me” razão: aquele palco foi o disco que há anos eu esperava!

Se há concertos sinónimos de memória inapagável, o de Moran e sua Bandwagon foi um deles.

Não houve palco de surpresas, apenas declaração indiscutível de que o futuro passa por ali... que digo eu?! – confirmação superlativa de que o futuro está aqui!

Em ano do histórico Jack DeJohnette, o Angrajazz veio, discretamente, lembrar-nos que, como a terra, a história move-se... Fosse tempo, ainda, de ter o computador aberto à espera de crónica para o continente e a 14ª edição teria título em caixa alta:

2012, o ano em que Jason Moran mudou o nome ao festival – AngraJason!



Jason Moran & Bandwagon: 2012, o ano em que Jason Moran mudou o nome ao festival – AngraJason!
(2012 . fotos Jorge Monjardino)

Mais um ano e mais uma dívida a pagar: não é em todos os festivais que se descobre uma daquelas amizades desconhecidas que, afinal, sempre conhecemos. Cécile McLorin Salvant foi o seu nome. E o aparente paradoxo não passa disso mesmo: um paradoxo aparente.

Para o povo do jazz, viva ele onde viver, quem canta com voz onde cabe toda a música mais popular e real da América negra só pode ser amizade de sempre, antiga como New Orleans, o Mississippi, Detroit e o South Side de Chicago, Alabama, Kansas City ou o Texas. A jovem Cécile não tem idade. Cantou tudo porque sabe tudo. E sabe tudo porque viveu (ou ouviu viver) tudo.

Além de Cécile, 2013 guardou outra certeza: a luminosidade permanente do piano de Fred Hersch. A solo ou em trio, em disco ou no palco, cada vez que Monk lhe fala ao ouvido, Fred toca ao ouvido de Monk. E Thelonious sorri. De orgulho.



Cécile McLorin Salvant: a jovem Cécile não tem idade. Cantou tudo porque sabe tudo. E sabe tudo porque viveu (ou ouviu viver) tudo (2013 . foto Luis Mendes)

(Não falei de Carla. Mas não me esqueço dela. Nunca me esqueço de Carla Bley. Nunca.)



Carla Bley (2013 . fotos Margarida Quinteiro e Jorge Monjardino)

Quando o palco abriu em Outubro 2014, todos os olhos estavam postos no piano de Barry Harris, uma estreia em território nacional (pecados que Cascais e Estoril, os seus habitats naturais em Portugal, não conseguem explicar). Não foi noite demasiado grandiosa – que os maiores nem sempre o são, 365 vezes por ano, décadas e décadas a fio! Mas mereceu todos os olhos que o ouviram e ouvidos que o viram.

Acontece que o Angrajazz 2014 escreveu-se em três palavras: Ricardo Toscano Quarteto.

Perguntem aos que lá estiveram se não lhes doeram as mãos nessa noite; se não sentiram, uma duas muitas vezes, aquele arrepio frio pelas costas abaixo que nos deixa mais quentes; se não se beliscaram para ver se estavam acordados; se não se levantaram no fim para tentar adiar o final. E se não voltaram no ano seguinte para cartaz duplo: Toscano com a Orquestra Angrajazz e Toscano com o ressuscitado Sexteto de Jazz de Lisboa.



Acontece que o Angrajazz 2014 escreveu-se em três palavras: Ricardo Toscano Quarteto (2014 . foto Luis Mendes)

Não foi a primeira vez (vantagens de ter o Hot Clube à mão...) que provei a excelência do quadrilátero Ricardo/João Pedro Coelho/Romeu Tristão/João Pereira. Mas foi das raras vezes que vi uma equipa portuguesa subir a um palco inédito e dizer: *chegámos, tocámos e vencemos!* E ser verdade.

2015 foi, para mim, ano de declaração de interesses.

Difícilmente poderia deixar de emocionar-me, duplamente: com a ressurreição do Sexteto de Jazz de Lisboa acontecida nesse ano após paragem de mais de duas décadas (em resposta a um desafio nosso – meu e do Manuel Jorge Veloso – para fechar o Ciclo “Histórias de Jazz em Portugal”) e com a sua homenagem a Jorge Reis, camarada dos primeiros tempos, substituído em palco por Ricardo Toscano, por decisão do colectivo após a morte do Jorge.

Para a plateia terá sido grata e imensa surpresa a descoberta de um grupo que fez história e, mais ainda, a constatação da grande qualidade do repertório de originais, composições e arranjos, dos membros do Sexteto. Mas para alguns, com estórias mais antigas, foi um mergulho no futuro do passado.



Sexteto de Jazz de Lisboa – para alguns, com estórias mais antigas, foi um mergulho no futuro do passado (2015 . foto Jorge Monjardino)

Embora sem vintages ou “grandes reservas”, 2016 e 17 deram colheitas de boas regiões demarcadas. Ficaram no paladar o toque encorpado do trio de Christian McBride, copo cheio de boas castas; o respeito, enorme, por uma lenda do jazz europeu, René Urtreger; a criatividade sem fronteiras de Matt Wilson, exemplo raro da arte de bem tocar e melhor gozar o prazer do palco; o talento e profissionalismo king size de Gregory Porter.

2018 está a chegar. Dele me lembrarei, se cá estiver, nos 40 anos do Anraajazz

São rosas e espinhos, senhor. Prometido é devido. Nos seus 20 anos, Anraajazz não escapou ao destino das rosas: deu flor, muitas flores, mas não evitou alguns espinhos.

Sonny Fortune defraudou expectativas.

Pieranunzi assinou concerto curto, estranho e distante.

Mark Murphy menorizou a sua (e nossa) memória histórica.

Vítima imprudente do ar condicionado, Roberta Gambarini ficou sem voz e, numa loucura profissional, forçou quando devia ter poupado; ingenuidade que lhe apoucou valia e prestígio.

Bill Carrothers pecou por soberba ao trocar o seu duo americano pelo seu duo irlandês (poupar quando se vem tocar à Europa pode ter custos que se pagam com juros demasiado altos...)

No Monk’s Casino de Alexander Von Schlippenbach o jogo não aqueceu a noite.

Daniel Yvinec e a Orchestre National de France enganaram-se nas pautas (Billie Holiday).

Nomes houve que vieram em nome do passado e não (me) convenceram ou deixaram nome no presente: Eddie Palmieri, The Cookers, Herbie Hancock, Jack DeJohnette (mas Herbie & DeJohnette são históricos a que um festival dificilmente resiste...)

Quanto aos erros de casting, que em 19 anos dificilmente ficariam ausentes, inscrevo no meu rol pessoal: Claude Bolling, Jane Monheit, Larry Coryell, Tord Gustavsen, Yilian Cañizares.

The single petal of a rose. Mas há uma rosa – em que até os espinhos são pétalas – que quero jardinar à parte. Chama-se Orquestra Angrajazz, nasceu no Centro Cultural em 2002 e guardou nome do pai e da mãe.

Desde a primeira hora do festival que os “quatro mosqueteiros” tinham outro sonho: não só trazer o jazz a Angra mas tentar semear colheita a haver.

O primeiro adubo foi lançado à terra logo na 2ª edição, quando chamaram a cena o Grupo de Metais da Ilha Terceira, lhes apresentaram os dixie gangers e Carlos Martins e os puseram a conversar.

No ano seguinte, com a Orquestra Ligeira dos Biscoitos, houve saudação especial aos músicos da terra.

Mas foi em 2002 que foi lavrado o registo de nascimento da primeira orquestra de jazz com berço em palco de um festival.

Matosinhos já adoptara a Orquestra de Jazz de Matosinhos, mudando-lhe nome e dando-lhe um festival para crescer (e como ela soube aproveitar!) E o Guimarães Jazz estreara projecto inédito, convidando anualmente um nome internacional de prestígio para dirigir uma orquestra ad hoc, escolhida entre a nata do jazz nacional e outros jazzmen europeus de bom currículo.

Mas Angra fez diferente: criou uma orquestra de raiz (colhida na terra fértil das filarmónicas, esses verdadeiros Impérios musicais açorianos), deu-lhe dois directores de respeito e respeitados (Pedro Moreira e Claus Nymark) e ofereceu-lhe casa, mesa e roupa lavada: o palco anual do Angrajazz.

Desde 2002, em (quase) todos os outubros o primeiro palco do festival chama-se Orquestra Angrajazz. E quem, como eu, teve o privilégio de acompanhar todos os concertos sabe o que é aplaudir, à boca de cena, o crescimento de uma big band viva, da infância à adolescência, da adolescência à maturidade. Centenas (milhares?) de fiéis do Angrajazz conhecem-lhe a vida, alegrias e (alguns) segredos, grandezas e debilidades, prazeres e cansaços.

O combate às dificuldades de crescimento em habitat difícil – fazer de uma ilha um continente não é tarefa fácil – foi-se fazendo por círculos: Pedro, Claus e a orquestra no centro, partindo pedra no trabalho de sapa; uma lista regular e invejável de hóspedes (Paula Oliveira, Mário Laginha, Zé Eduardo, Afonso Pais, Mário Barreiros, Hugo Alves, Luís Cunha, João Moreira, Manuel Linhares, Ricardo Toscano); um repertório diversificado na estética e engenho dos arranjos; concertos fora de portas, sempre que possível.

Caminho longo mas saboroso, com duplo testemunho discográfico e coroa de louros em 2016 quando, pelas suas mãos, a “Far East Suite”, de Ellington, subiu pela primeira vez a palco nacional em versão integral.

E, last but not least, o aparecimento dos primeiros combos-filhos da própria Orquestra, multiplicando as horas e concertos de jazz na Terceira.

Mas poderá a Orquestra aproximar-se (ou já lá estar) da mais perigosa das encruzilhadas, quando a urgência de um novo salto vizinha o precipício da rotina e estagnação? A pergunta pode andar no ar, mas a resposta está nas mãos do Angrajazz e dos seus parceiros institucionais. Falhá-la será perda irreparável. Para o festival, para os Açores e para o jazz.



Orquestra Angrajazz: um caminho longo mas saboroso, com coroa de louros em 2016 quando, pelas suas mãos, a “Far East Suite”, de Ellington, subiu pela primeira vez a palco nacional em versão integral. (2016 . foto Jorge Monjardino)

Talk that talk. São múltiplos os palcos do Angrajazz. Do Caracol aos Beiras-Mares, do centro a São Mateus, dos Biscoitos aos Altares, de Porto Judeu à Serreta, muitos e insondáveis são os caminhos do jazz.

Sei, de ciência certa de há muitos e muitos anos, que, com tanto para e por fazer, não vale a pena perder tempo com homens & mulheres avessos ao bom humor e prazeres da mesa. No Angrajazz raramente perdi tempo: foi assim no ano da estreia, assim será no 20º aniversário.

Nunca os deveres & prazeres profissionais se atropelaram com os direitos & desejos dos “quatro mosqueteiros”

– que foram sempre 4, apesar de algumas entradas & saídas: Bruno Ferreira, João Pedro Mont’Alverne, João Paulo Valadão, João Pedro Barreiros, Rui Borba, Luís Elmiro Mendes e os dois totalistas, José Ribeiro Pinto e Miguel Cunha –

num exemplar e permanente respeito mútuo.

Foi esse o berço que nos fez saltar do trabalho para a amizade. Trajecto, dos mais gratificantes, acontecido em muitos dos festivais que vi nascer e tentei ajudar a crescer, divulgando-os persistentemente: Matosinhos Jazz e Jazz no Parque de Serralves, Guimarães Jazz e Seixal Jazz, entre outros. E, obviamente, o Angrajazz, essa geografia única alimentada após 2001 (já reformado da escrita profissional) por crescentes extensões continentais – Raúl Bernardo, Leonel Santos e António Branco, os Correias Mendes, Vasco Carvalho e Gilberto Fernandes, sem esquecer os sabores angolanos, Gégé & Magui, e o sotaque madeirense de Paulo Barbosa. Por cumprir continua a presença do Manuel Jorge Veloso, derrotada pela militância *anti-aérea* que, ano sim ano sim, o afasta de Angra, do jazz e das mesas que lá nos sentam...

Há, ainda, a saudade dorida de outras ausências, definitivas: o Fernando Gomes, companhia insubstituível nas mesas do Caracol e operário que os pianos recebiam de teclas abertas, e o António Rúbio, sempre dividido entre os concertos, o passado militar na ilha e a messe das Lajes.

A que falta acrescentar o reverso da medalha, isto é, a extensão angrense no Guimarães Jazz – Miguel Cunha & Bia, João Pedro Mont’Alverne e Luísa (até quando Zé Ribeiro, continuaremos a marcar-te falta?) – e também aí o mesmo talk that talk, entre o Vila Flor e Moreira dos Cónegos & outros amesendados.

Assim se foram escrevendo os “meus” Angrajazzes, território “privado” de amizades colectivas. E quero acreditar que assim continuará a ser.

A História repete-se mais vezes do que se julga.

Lembro-me bem de alguns bastidores de festivais continentais, nascidos (quase) “sem rede”, apostas pessoais & colectivas de quem, entre o poder autárquico e a paixão pelo jazz, ousou investir onde não se investe: na cultura, esse adamastor sempre pronto a saltar da boca dos que não são ou perderam o poder:

que a cultura é boa, sim senhora, mas há outras prioridades...

que em terra de mínguas não se pode gastar tanto em teatros, danças & outras músicas...

que eles, ao contrário de nós, já mostraram que não sabem governar – o país, a cidade, a aldeia e a vila, até a rua...

Mas os festivais foram crescendo, seduzindo público, galgando freguesias e distritos, trazendo as câmaras para os jornais (nesse tempo ainda havia jornais com jazz...) e acabaram virando bandeira regional com estatuto nacional. E quem ontem franzia o sobrolho em público, torcia o nariz nas rádios & televisões, arreganhava o dente em comício, começou a dizer

o festival é nosso, o festival é do povo,

ameaçando até com o degredo quem ousasse pôr em dúvida a sua existência, a existência do “nosso festival de jazz”, esse símbolo da cidade & do progresso...

Foi assim em Matosinhos. Foi assim em Guimarães. E assim terá sido em Angra do Heroísmo.

Hoje, pôr em causa o Angrajazz cheira a suicídio. Não sei, mas temo que outros perigos possam ameaçá-lo. Há muitas formas de morrer e outras tantas de matar. Estar atento aos sintomas é indispensável. Prevenir é legítima defesa. Resistir é, mais do que um direito, um dever. De todos nós, os que fazem o festival e os que o assistem e assim querem continuar.

20 anos de um festival são uma vida. Mas isso já não nos chega. Queremos a eternidade.

António Curvelo (2018 Setembro)